

# GUILHERME FIUZA

---

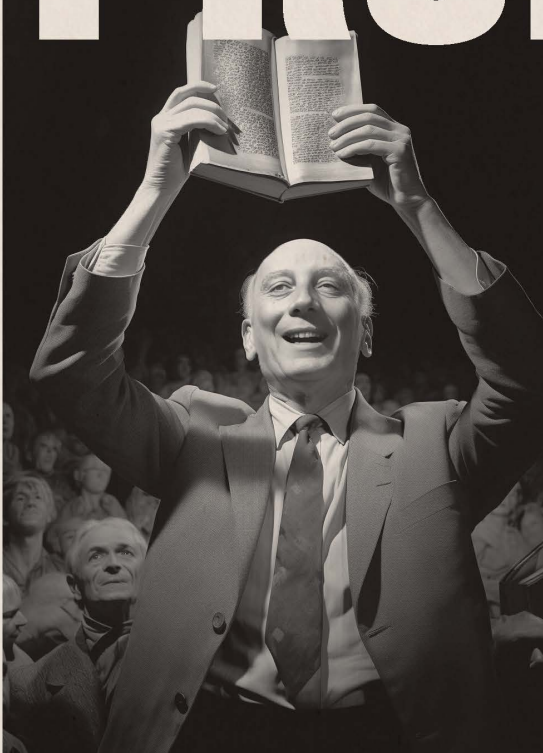
# O PASSADO

# PROMETE

---

## UM NOVO BRASIL NO RETROVISOR

---



REVIRAVOLTA EM BRASÍLIA. Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda e João Goulart deixaram de lado suas diferenças políticas para formar uma frente pela democracia. Prestes a recuperarem seus direitos cassados, porém, os três morrem subitamente em sequência. Mistério. Mas atenção: um deles acaba de ser salvo — quase meio século depois de morto — e vai modificar a História como a conhecemos...



*A História,  
com H maiúsculo,  
pode ser enganosa?*

..... ▶



*E se essa morte  
tiver sido  
provocada?*

..... ▶

GUILHERME FIUZA

# O PASSADO PROMETE

UM NOVO BRASIL  
NO RETROVISOR



## -- NOTA DO AUTOR

A História, com H maiúsculo, pode ser enganosa?

Claro que não. O que passou, passou. Está vivido, superado, consolidado. O fato é o fato, pronto e acabado - não é um organismo vivo. O fato é uma entidade intangível, definitiva.

Mas e se...

Não tem "e se". O futuro pode ser o que você quiser, mas no passado ninguém mete a colher. Até rimou.

Mas e se um fato histórico for visto de uma forma por uns e de outra forma por outros?

Justamente por isso não existe o "e se": aconteceu, terminou, bota nos livros e não mexe mais. O 11 de Setembro não foi no dia 12. A Queda da Bastilha não foi em Nova York. Ponto-final.

Ok. A queda das torres gêmeas não desencadeou a Revolução Francesa. Mas e se o ideal de liberdade, igualdade e fraternidade tiver triunfado para uns e fracassado para outros?



Bom, se começarmos a interpretar tudo, não vai ficar pedra sobre pedra. Nem as pirâmides ficarão de pé.

Certo. Mas não é legítimo fazer revisão histórica?

Pode ser. Vai depender de quem fizer...

Qual seria então a forma segura de olhar pelo retrovisor? De lançar uma visão nova sobre fatos passados?

Só existe uma forma 100% segura: abandonar a verdade.

O quê?!

Isso mesmo que você leu - e que faremos neste livro: um mergulho ficcional na história recente do Brasil. Como seria se não fosse?

Os símbolos que nortearam a construção da democracia brasileira são sólidos? Ou podem ter sido enganosos? Vamos dar uma revirada neles?

Um político de primeira grandeza perseguido pelo regime militar e adversário também da chamada "esquerda" morre subitamente em 1977. Essa é a história real.

E se essa morte tiver sido provocada?

E se, nesse caso, o atentado tivesse falhado?

E se?

Esse é o ponto de partida da nossa ficção. Daí em diante vamos pintar e bordar com a História.

Você vai reconhecer personagens reais e fatos históricos. Eles estarão entrelaçados em situações fantasiosas. Mas se você achar que a fantasia está te falando verdades, o problema é seu. E o prazer é todo meu.

# AVISEM QUE MORRI

**Depois de muito sofrimento, o Brasil chegou ao seu final feliz.** E chegou com mais de três anos de atraso. A eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República tinha sido o final feliz que não houve, o requinte de crueldade contra as esperanças de um povo. Com Tancredo, o Brasil chegou lá, mas não chegou. A morte antes da posse, logo daquele em torno do qual a sociedade parecia finalmente unida, marcou a ferro a alma brasileira. Parecia se confirmar a sina de um país condenado a morrer na praia.

Pouco mais de três anos depois, no entanto, veio de fato o final feliz. Ao menos era o que se depreendia do noticiário. O Brasil não tinha Tancredo, mas tinha uma nova Constituição. E ela ia botar tudo nos eixos. Até que enfim.

“Temos ódio à ditadura. Ódio e nojo!”, disparou o presidente da Assembleia Nacional Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, no dia 5 de outubro de 1988. O brado foi saudado por aplausos ruidosos dos parlamentares que acompanhavam no Congresso a promulgação da nova Constituição brasileira. A frase contundente do Doutor Ulysses, como era chamado o deputado do PMDB, dominou as manchetes. Era o estandarte da redemocratização.

Ninguém desafinou o coro triunfante, nenhuma voz objetou a mensagem do final feliz. No dia seguinte, o Congresso estava em festa — os representantes do povo repetindo a toda hora as duras (e já imortais) palavras de Ulysses contra a ditadura —, até que o consenso foi inesperadamente arranhado por alguém:

— Ódio e nojo? Isso é maneira de afirmar a democracia? Vocês não acham estranho repudiar um regime de força com “ódio e nojo”? Será que os arautos dos novos tempos de paz e liberdade não estão usando o idioma dos tiranos? Acabou ou não acabou o tempo de odiar?

A interpelação na contramão da celebração geral não pegou bem. Todos se viraram para o fundo do plenário da Câmara dos Deputados, de onde viera o questionamento inconveniente, e um dos integrantes da mesa diretora perguntou quem tinha quebrado o protocolo. O transgressor não se escondeu:

— Fui eu, excelência. Carlos Lacerda.

O interlocutor devolveu desconcertado, em meio ao murmúrio geral:

— Carlos Lacerda faleceu há mais de dez anos. Segurança, contenha o intruso e faça-o se identificar.

O resultado da checagem foi perturbador. Não só pelos documentos de identificação, como pela fisionomia, quem estava ali, no fundão do “baixo clero”, parecia ser mesmo o ex-deputado Carlos Lacerda.

Agora o próprio Doutor Ulysses entrava na conversa, de sola:

— Não é possível. Todos viram o funeral do Lacerda em 1977. Esse aí só pode ser um impostor bem montado. Hoje as cirurgias plásticas fazem milagres.

Os funcionários da segurança estavam imóveis, divididos entre a averiguação inicial e a menção de desconfiança do presidente da Constituinte — o homem mais poderoso do país no momento. Ulysses não gostou da imobilidade e foi mais incisivo:

— Um sujeito que se infiltra no Congresso Nacional para maldizer a nova Constituição só pode ser um delinquente. Detenham-no.

— É assim que você vai inaugurar a nova democracia brasileira, Ulysses? Calando quem discorda de você? — provocou o suposto Carlos Lacerda.

— Não estou calando ninguém, nobre farsante. Não inverta as coisas. É a nova democracia brasileira que está sendo atacada por você, única criatura neste país que não gostou do meu repúdio à ditadura militar.

— Engano seu. Fui perseguido e calado pelo regime autoritário. Não tenho nenhuma razão para não repudiá-lo. O que achei estranho, e continuo achando, é a promulgação da “Constituição Cidadã” com uma declaração de ódio.

Meio contraditório, não? Mais estranho ainda é que absolutamente ninguém neste país tenha se incomodado com isso. Será que não estamos gestando um novo tipo de autoritarismo?

— Como assim?! Autoritarismo onde, infeliz? Você é só um provocador. Nesse ponto até lembra mesmo o Lacerda...

— Obrigado. Então agora vou lhe provar que sou o verdadeiro Carlos Lacerda. Não com documentos ou perícias. Quem mais poderia criticar a complacência do país com o seu discurso paradoxal, Ulysses? Com a sua exortação odienta à pacificação democrática? Quem mais poderia alertar que pode estar nascendo aqui a tirania de boa aparência?

— Você não sabe o que está dizendo...

— Não sei mesmo. É só um pressentimento. Vendo o seu discurso virtuoso que nega a si mesmo, imaginei o que seria o império da demagogia: palavras bonitas embalando os piores propósitos, gritos por liberdade encobrindo o cerceamento do indivíduo. Já pensou? Tomara que seja só um pessimismo paranoico da minha parte.

A essa altura, a maioria dos parlamentares já nem murmurava. Entre os que gostavam e os que detestavam Carlos Lacerda, a única certeza era de que o espírito do lendário ex-deputado estava presente à sessão. Ao notarem que Ulysses Guimarães não levaria adiante a polêmica inusitada, no entanto, um grupo de deputados importantes do PMDB decidiu enquadrar o provocador.

Se alternando nas flechadas, grandes nomes da transição democrática como Ibsen Pinheiro e Antonio Britto — o porta-voz de Tancredo Neves que anunciou a sua morte — passaram a recolocar as coisas nos seus devidos lugares: em primeiro lugar, Ulysses Guimarães era o Senhor Diretas, talvez o principal símbolo da luta pela reconquista do direito ao voto popular; em segundo lugar, o Doutor Ulysses tinha sido fundamental na ascensão de Tancredo à Presidência — e depois de sua morte tornara-se uma espécie de guardião do espírito dele, que representava a união nacional em torno da democracia. Ou seja: era inatacável.

— Não estou atacando o Doutor Ulysses — rebateu o homem que dizia ser Carlos Lacerda. — Estou chamando a atenção de todos para o perigo da mitificação que embaça os erros. Ulysses podia ser o representante de

Tancredo, mas hoje é o representante de Sarney, ou Sarney é o representante dele, a gente nunca sabe.

O mal-estar voltou a paralisar a Câmara. O crítico solitário continuou seu manifesto do fundo do plenário:

— E a “Nova República” de Sarney está repleta de autoritarismos. Desde o congelamento inútil dos preços até o prolongamento do mandato do presidente, que, aliás, é presidente por acaso. Disso não me parece que o Doutor Ulysses tenha ódio e nojo.

Dessa vez, a inércia geral foi rompida por um grito potente vindo das galerias:

— Tirem esse golpista daqui!

Como se acordasse para o absurdo de um franco-atirador esculhambar em pleno Congresso Nacional o grande fiador da democracia, a cúpula do PMDB resolveu intervir. A polícia legislativa foi acionada com a determinação de prender o aventureiro. Se dirigiu ao fundo do plenário para executar a ordem. Quando chegou lá, o homem tinha sumido.

\* \* \*

— O paciente sumiu!

O grito da enfermeira ecoou na Clínica São Vicente, na Gávea, Rio de Janeiro.

Na madrugada do dia 21 de maio de 1977, o ex-governador da Guanabara estava internado para a realização de uma série de exames. Seu estado de saúde era bom ao dar entrada no hospital. Nenhum sintoma agudo, nenhuma doença grave. De repente o médico de plantão reportou à equipe que acompanhava o ex-governador o enfraquecimento acelerado dos seus sinais vitais.

Após o grito de alerta da enfermeira, o responsável médico foi comunicar à direção da clínica o desaparecimento do paciente. O diretor acionado achou que “desaparecimento” fosse uma forma solene de dizer “falecimento”, já que pacientes não desaparecem de leitos. Mas o médico, aturdido, fez a retificação:

— Nem sei como dizer isso ao senhor, mas o paciente Carlos Frederico Lacerda sumiu.



Ainda com a máscara cirúrgica que usou para não ser reconhecido nos corredores, pisando de leve para não chamar atenção no silêncio da madrugada, Lacerda pulou dentro de um táxi que manobrava no pátio após deixar um passageiro na recepção da clínica.

— Desculpe, senhor. Já encerrei por hoje. Essa foi a minha última corrida.

— Companheiro, eu estou escapando da morte. Não me negue essa chance de fuga.

Na dúvida se estava diante de um encrencado ou de um louco, o taxista achou mais seguro levá-lo dali. No percurso, preocupado com o silêncio absoluto do passageiro mascarado, o motorista arriscou:

— O senhor disse que está fugindo. Tem alguém vindo atrás de nós? Tenho família pra sustentar...

— Não, ninguém me viu. Não estamos sendo seguidos, pode ficar tranquilo.

— Querem matar o senhor?

— Não sei. Querem que eu morra.

— Qual é a diferença?

— A diferença é entre matar e fazer morrer.

O taxista achou melhor fingir que tinha entendido para não esticar a conversa, um tanto exótica para quem só queria encerrar o expediente e cair na cama. Mas o passageiro agora queria falar:

— Quem quer matar, vai lá e mata. Quem quer fazer morrer não quer sujar as mãos. Terceirizar é bom, mas arriscado.

— Mais arriscado que matar?

— Claro. Corre o risco de ficar com as mãos limpas e sem o cadáver...

— Ah...

Nessa hora, o taxista prometeu a si mesmo não perguntar mais nada e se concentrar só em chegar em casa inteiro, mas a palestra soturna ainda não tinha acabado:

— Já aconteceu comigo.

— Mandar matar? — não se conteve o motorista, descumprindo em segundos a promessa de ficar calado.

— Não. O contrário. Mas só acertaram minha perna e mataram outra pessoa. Foi aqui perto. Ou seja, queriam fazer morrer e não fizeram direito.

— E agora tentaram de novo?

— Não sei. Isso já faz tempo. Vinte e três anos.

— Mas o senhor entrou no meu táxi dizendo que estava escapando da morte.

— Os que querem que eu morra agora são outros. Ouvi lá na clínica alguém dizendo “a encomenda está pronta”. Não sei se ouvi ou se sonhei. Na dúvida, me mandei.

— O seu destino é...

— Quem sou eu para saber o meu destino. Só Deus sabe. O que sei é que me sinto muito bem aos 63 anos e é cedo para morrer.

— Sem dúvida. Mas perguntei qual é o seu destino, quer dizer, qual o destino desta corrida. O senhor ainda não me disse para onde vai.

— Só Deus sabe.

Se o taxista tinha suspeitado no início de que poderia estar entrando numa enrascada, agora ele tinha certeza. Ficou sem ação diante da resposta inusitada e apenas continuou acelerando sua Brasília 73 para onde o nariz apontava. Já o nariz do passageiro, volumoso, esticava a máscara cirúrgica apontando como uma arma para sua nuca.

— Me leva pra longe daqui.

O motorista engoliu em seco:

— É uma ordem?

— Claro que não. Como eu poderia te dar ordem?

— Porque o senhor está armado.

— Não estou.

— Não mesmo?

— Quer me revistar?

— Se eu soubesse que não estava armado nem tinha deixado você ficar no meu táxi.

— Ué, passou a me chamar de “você”? Só usa “senhor” pra quem anda armado?

O táxi parou com uma freada brusca.

— Pula fora, maluco. Já te dei conversa demais.

Lacerda ficou imóvel. O taxista saltou, abriu a porta de trás e repetiu, mais ríspido, a ordem para que o passageiro pulasse fora. Mas ele continuou estático. E falou baixo:

— Te dou dois tanques de gasolina.

Dessa vez foi o motorista que ficou sem ação. Lacerda ampliou a oferta:

— Dois tanques e o dobro do valor da corrida. E já falei que vou pra longe.

Exausto, o taxista que só sonhava com a sua cama antes de entrar naquela corrida maluca agora era obrigado a refletir. Se o passageiro não estivesse blefando, tratava-se de uma proposta irrecusável. Se a recusasse, não conseguiria dormir. Tinha que ao menos checar:

— Como é que eu vou saber se você tem essa grana?

Talvez no fundo ele preferisse que fosse um blefe. Aí era só se livrar do biruta e se mandar para casa a salvo de confusão. Mas Lacerda abriu a carteira e mostrou dinheiro mais que suficiente para um mês de taxímetro. Vendo o motorista desnortado, mudou um pouco o rumo da prosa:

— Companheiro, qual é o seu nome?

— Por quê?

— Porque nome é identidade. Quero conversar com você de homem pra homem.

— Juscelino.

— Kubitschek?

— É.

— Fala a verdade.

— Já falei.

— Sei. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

— Não. Juscelino Kubitschek dos Anjos.

Incrédulo, o passageiro perguntou se Kubitschek era pelo lado da mãe.

— De certa forma, sim.

— Como “de certa forma”? Não existe descendência “de certa forma”.

— É porque meu pai queria Juscelino. Aí a minha mãe disse que Juscelino tinha muitos. Pra todo mundo associar com o JK, ela disse que tinha que

ter Kubitschek também. Então de certa forma sou Kubitschek por parte de mãe. E o senhor? Como se chama?

— Carlos Lacerda.

— Como o ex-governador.

— Não. Eu sou o ex-governador.

Lacerda tirou a máscara e o taxista o encarou perplexo. Nesse momento, um carro da polícia se aproximou, jogando os faróis sobre o táxi. Juscelino Kubitschek pulou no volante e acelerou com Carlos Lacerda para longe dali.

\* \* \*

No meio da madrugada, debaixo de um temporal, Lacerda e Juscelino se espremiavam sob um orelhão na Baixada Fluminense. O passageiro precisava ligar para casa. Fugira do hospital sem se comunicar com ninguém. E disse que não ficaria sozinho num orelhão naquela hora e naquele local nem a pau.

O taxista tinha 1,90m de altura, mais de cem quilos e menos de quarenta anos, ou seja, foi escalado sumariamente como guarda-costas do ex-governador.

Ele estava impressionado desde que Lacerda tirou a máscara. Nunca tinha conduzido um passageiro tão importante, ainda mais naquelas circunstâncias: perseguido pelo governo militar e, alegadamente, escapando da morte. Aquilo mudava completamente a situação e não dava para negar a escolta, mesmo sabendo que um major já tinha sido morto enquanto fazia a segurança do homem que agora estava ao seu lado.

Antes de parar o carro para o telefonema, Juscelino explicou que até aceitaria continuar dando fuga a Lacerda, mas precisava passar em casa para falar com a família. E argumentou que seria melhor aproveitarem para dormir um pouco, até a hora que o posto de gasolina mais próximo abrisse. O passageiro não tinha escolha e seguiu com seu condutor para Duque de Caxias.

— Mas lá em casa o senhor vai ter que ficar escondido.

— Ninguém vai me achar no meio da Baixada.

— Não é isso. Vou ter que esconder o senhor da minha mãe.

— Como assim?



— Moro com a minha mulher, meus filhos, meus pais e um tio. Não tem problema com nenhum deles. Só com a minha mãe.

— Por quê?

— Como falei, ela é fã do JK. E o senhor foi um adversário duro do ex-presidente.

— Sim, mas depois nós nos aproximamos e...

— Pois é, doutor. Mas o sentimento ficou. Minha mãe odeia o senhor.

— Odeia?

— Ódio mortal.

Dessa vez o passageiro engasgou. O motorista prosseguiu:

— E não faz sentido eu estar ajudando o senhor a escapar da morte e colocá-lo na frente da minha mãe. Ela é cozinheira e tem umas facas bem afiadas. É uma pessoa tranquila. Mas quando explode, o pessoal lá em casa sai de perto, por segurança.

Homem forjado nos grandes embates da vida, experimentado nos conflitos mais duros, Lacerda ficou embaraçado como nunca com a notícia daquela fúria maternal. Mas não podia passar recibo. Afinal, alguém que está em confronto com o sistema não pode se mostrar acuado por uma mãe.

— Pois eu faço questão de conhecer a dona... Como se chama a senhora sua mãe?

— Diamantina.

— O nome da cidade natal do Juscelino!

— Exato. Ela também é de lá. O nome de batismo é Maria José, mas ela foi cedo para Belo Horizonte e pegou esse apelido por causa da origem. Até meu pai só a chama de Diamantina.

— Tenho certeza de que vou me dar bem com a dona Diamantina. Rapaz, eu já fiquei amigo do Mario Lago, meu adversário comunista. Já me entendi com o Jango, que me acusava de ter tramado a derrubada dele. O próprio JK, que um dia me ouviu protestar contra sua posse na Presidência, morreu em paz comigo...

Foi interrompido pelo xará do ex-presidente, assim batizado quando Juscelino foi eleito prefeito de Belo Horizonte:

— Justamente sobre isso que eu ia falar. No ano passado, depois que o JK morreu naquele acidente horrível, e pouco depois foi o Jango, minha mãe ficou revoltada e disse: “Morre todo mundo, menos o Lacerda”.

Agora o rei da argumentação não tinha mais resposta. Não havia saliva que resistisse àquela bofetada.

Falando no acidente automobilístico que matou JK, o taxista aproveitou para perguntar a Lacerda se ele achava que tinha sido acidente mesmo. Nem sobre isso o passageiro conseguiu falar, ainda que o assunto lhe interessasse bastante.

A chuva apertou na Baixada Fluminense e Lacerda fez uma constatação tática: se ia ter que ficar escondido de dona Diamantina, não poderia usar o telefone da casa do motorista. Se rendendo à clandestinidade dentro da clandestinidade, decidiu:

— Bom, então vamos ter que parar num orelhão. Preciso avisar à minha família que morri.

— Avisar que não morreu — corrigiu Juscelino.

— Não. Avisar que morri, mesmo. Vou ter que desaparecer.

# O SEGREDO DE ELVIS

Um homem alto e forte empurrando em alta velocidade um senhor de máscara e cobertor numa cadeira de rodas chamou a atenção de um segurança da Câmara dos Deputados.

— Devagar aí, companheiro! Assim tu bota o doente em risco. Cadeira de rodas não é skate, não.

O condutor aloprado respondeu sem parar:

— Eu sei, amigo. Desculpe! É que a pressão dele caiu muito, preciso internar urgente. Falei pra não vir trabalhar...

Chegando ao estacionamento, certificando-se de que não tinha ninguém olhando, Carlos Lacerda se levantou da cadeira de rodas e pulou no táxi de Juscelino Kubitschek, que saiu acelerando para longe da Praça dos Três Poderes.

— Foi por pouco, hein, doutor?

Lacerda não respondeu. Ainda estava ofegante, tentando recuperar o fôlego perdido na fuga e no embate com Ulysses Guimarães.

— Respira, doutor. Pra 74 anos o senhor está um atleta. Quando a polícia da Câmara apareceu no corredor, o senhor já tinha se encaixado na cadeira de rodas, mascarado e coberto. Saiu do plenário tão rápido que não veio nenhum deputado atrás do senhor.

— Os deputados não vieram atrás porque têm medo de mim — retificou Lacerda, retomando o fôlego e a marra.

— Desculpe, doutor. De fantasma todo mundo tem um pouco de medo.

— Quem é fantasma, Juscelino?!

— Não me leva a mal, doutor Lacerda. É que o senhor ficou desaparecido por uma década. O pessoal acreditou que era o senhor mesmo?

— Não sei. Mais ou menos.

— Lá de fora não deu pra ouvir nada.

— Eles ficaram atordoados. Não por causa do fantasma. Mas porque eu falei o que ninguém quer ouvir. Estraguei o conto de fadas. Ou pelo menos espero ter estragado.

O táxi de Juscelino deu algumas voltas pelo Plano Piloto até a dupla ter certeza de que não estava sendo seguida. Quase chegando ao hotel onde Lacerda estava hospedado com nome falso, ouviram no rádio a notícia: um louco de terno e gravata tinha invadido a Câmara dos Deputados dizendo ser Carlos Lacerda e insultado o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães.

— Mentira! Eu não insultei ninguém!

— Calma, doutor. O senhor desafiou o homem, é só isso que eles estão dizendo...

— Não é isso, não! Estão dizendo que eu insultei. A imprensa continua escolhendo seus heróis e advogando pra eles. Vergonha! Isso não é jornalismo nem aqui, nem na China. Quer dizer, na China talvez seja.

A notícia prosseguia com a informação de que o deputado Ulysses Guimarães não quisera comentar o incidente e dava o caso por encerrado.

— Encerrado nada, Ulysses. O caso está só começando!

Juscelino interveio:

— Doutor Lacerda, o senhor precisa esfriar a cabeça. Não se esqueça de que não estamos mais em Duque de Caxias, nem em Petrópolis. Estamos em Brasília.

— E daí? O que é que tem Brasília? Você é Juscelino Kubitschek, mas a única Brasília que você conhece é esse seu carro velho.

— Esse carro velho que o senhor pegou pra escapar da morte?

— É verdade. Desculpe.

— O problema não é Brasília, doutor. O problema é que o senhor está na clandestinidade há mais de dez anos e todos achavam que o senhor estava



morto. Ou pior: continuam achando. Aí o senhor reaparece do nada e vai começar a circular normalmente por aí? Vão persegui-lo como impostor. É melhor voltarmos logo pro Rio.

O plano de Lacerda era uma saída relâmpago do esconderijo para questionar pessoalmente os rumos da redemocratização. Não aguentara mais acompanhar de longe o noticiário triunfante sobre a nova Constituição, que ele considerava “um saco de gatos” e “um festival de demagogia” — nas expressões que repetia para as paredes e para o minúsculo grupo de pessoas que sabiam que ele não tinha falecido na Clínica São Vicente em maio de 1977.

“A afirmação de que a nova Constituição vai ser a base de uma democracia sólida é tão falsa quanto o meu funeral”, disparava, nos momentos de maior impaciência. Foi numa dessas explosões de inconformismo que Lacerda propôs a Juscelino irem de carro para Brasília.

O taxista se tornara o principal elo do ex-governador com o mundo real. Depois da fuga espetacular de madrugada do hospital na Zona Sul do Rio para a Baixada Fluminense — e do pernoite clandestino na modesta casa em Caixias, escondido da mãe de Juscelino, que o detestava —, Lacerda tinha sido conduzido pelo motorista para uma pequena chácara abandonada nos arredores de Petrópolis.

A propriedade era de um empresário norte-americano que ele conheceu em debates sobre a doutrina do liberalismo. Ficaram amigos nos Estados Unidos e o empresário, Donald Kalmar Jr., um construtor de origem húngara, acabou convencido por Lacerda a adquirir uma base brasileira na bucólica Serra do Mar. Era o momento da deposição de João Goulart, e o então governador da Guanabara prometia ao amigo estrangeiro que o Brasil passaria a respirar ares mais puros que os de Petrópolis.

Com o endurecimento do regime militar, que tornou os ares irrespiráveis para o próprio Lacerda, Donald Kalmar abandonou a chácara brasileira e não perdeu a piada:

— Carlos, se eu construísse meus shoppings com as suas previsões políticas, hoje eu seria dono de um ferro-velho.

Não perdeu a piada e nem o amigo, mas já sabia que levaria o troco, porque com aquele amigo sempre tinha troco:

— Em compensação, se você tivesse construído seus shoppings como eu construí o Túnel Rebouças, o sistema de águas do Guandu e o Aterro do Flamengo, a sua memória viveria para sempre.

— É verdade. Mas esse negócio de posteridade eu deixo pra você. Político é que gosta de achar que é eterno. Isso se não esquecerem as suas obras e passarem a lembrar de você só pelas brigas que você arrumou.

Aí os dois riram e concordaram. E repetiram o mesmo prognóstico patético quando Kalmar foi visitar Lacerda na clandestinidade, escondido nos fundos da sua chácara abandonada.

O construtor norte-americano chegou a Petrópolis em setembro de 1977, dessa vez sem informar a ninguém que estava indo ao Brasil. Para sua própria esposa, disse que iria prestar condolências à família de Lacerda, pois não tinha podido comparecer ao velório do amigo quatro meses antes. A informação de que o ex-governador estava vivo era um segredo compartilhado por menos de uma dezena de pessoas — e Donald Kalmar Jr. estava na ala dos que tinham certeza de que ele seria morto se reaparecesse.

— JK, depois Jango, depois Lacerda. Claro que você é a bola da vez — disse Donald, enquanto tirava os sapatos cheios de lama na entrada do esconderijo nos fundos da chácara.

O empresário não acreditava que os três líderes da Frente Ampla contra a ditadura pudessem ter morrido coincidentemente, de causas súbitas, num intervalo de menos de um ano:

— Você fez muito bem em fugir do hospital. A conversa que você ouviu sobre “a encomenda está pronta” não era outra coisa. Não iam te deixar sair vivo de lá.

— Donald, eu não sei se ouvi isso. Posso ter sonhado. Só sei que comecei a sentir uma paranoia forte...

— Pois então você fez muito bem em respeitar a sua paranoia. Não era paranoia.

Juscelino Kubitschek, o taxista, discordava. Ressalvando que não tinha grande conhecimento de política, considerava improvável que o desastre automobilístico no qual JK (o ex-presidente) morrera tivesse sido um atentado:

— De carro eu entendo. Sou motorista há 20 anos. Planejar matar alguém forçando um acidente na estrada tem mil possibilidades de falhar. Seria o atentado mais incerto do mundo.

— Com certeza essa era só uma das formas planejadas, meu caro — contrapôs Kalmar. — Por acaso foi a que funcionou. Se botassem um atirador como no caso do Kennedy, a crise ia virar contra eles.

Nessas horas Lacerda ficava pensativo. Sabia que era alvo, mas não sabia exatamente como. Um regime que tinha cassado seus direitos políticos queria-o, obviamente, fora de cena. E por já ter sido alvo de um atentado quando se opunha a Getúlio Vargas, sua tendência era achar que o regime militar também queria eliminá-lo.

Por outro lado, o governo do general Ernesto Geisel tinha um tom menos belicoso e não lhe parecia do tipo que mandaria matá-lo. Mas era só uma impressão. E emboscadas — ele sabia muito bem — não precisavam ser decisão de Estado.

Donald Kalmar achava que Carlos Lacerda não estava em segurança escondido na sua chácara. “Esses caras farejam tudo, vão acabar te achando”, repetia o empresário sempre que podia estar pessoalmente com o amigo clandestino. Sua proposta era levar o ex-governador com sua esposa Letícia para os Estados Unidos até que houvesse a abertura política no Brasil.

Lacerda relutava. Não se via criando raízes no exterior longe dos filhos, dos netos e da sua editora, a Nova Fronteira.

— Já estão negociando a anistia, Donald. Daqui a pouco as coisas se acalmam.

— Já estavam falando de anistia e abertura quando JK e Jango foram mortos — rebatia o americano, tomando a sua tese como fato.

Kalmar achava que o esconderijo ficava especialmente vulnerável pelo fato de a chácara estar em estado de abandono e sem movimento de moradores ou frequentadores. “É o tipo de terreno em que eles prestam atenção”, teorizava o construtor. Foi numa dessas que Lacerda teve a ideia de convidar Juscelino para morar na chácara.

O taxista ficou sem ação. Depois disse que ia pensar. Mas estava mentindo.

O inverno gelado na serra, indo e voltando do Rio na madrugada sem calefação para suprir o clandestino, apresentava sua conta — física e mental. Com a chegada da primavera ele já comunicara que ficaria dez dias sem ir ao esconderijo, para passear com a família em Cabo Frio. Era também um jeito de parar para pensar naquela operação de guerra iniciada por acaso no pátio de uma clínica.

Nunca conseguira explicar a si mesmo o que estava fazendo ali. A grana era boa comparada com seus ganhos na rua. Mas não pagava o risco gigantesco que ele passara a correr.

Apesar de batizado em homenagem a um ex-presidente da República, Juscelino nunca tinha se ligado em política. Aos seus passageiros que puxavam esse assunto ele dizia no máximo o clássico “são todos iguais” e não entrava na conversa. Mas no dia que o destino colocou no seu táxi o ex-governador da Guanabara, ainda mais numa insólita situação de fuga, foi como se ele estivesse vendo um palácio por dentro. Se impressionou com a imponência de Lacerda, mesmo enfiado no banco de trás do seu táxi implorando por uma corrida maluca.

O fato de sua mãe ser getulista, juscelinista e antilacerdista aumentava o seu interesse pelo personagem, não por admiração ou por repulsa. Como sempre acontece com as figuras públicas, o Lacerda dos jornais, da tv e dos xingamentos de dona Diamantina era diferente do Lacerda passageiro do seu táxi. Não em termos de discurso ou ideário político, mas pela reação às coisas da vida: da subida da gasolina a um quebra-molas construído no lugar errado, passando pelos resultados do futebol, o ex-governador se ligava em tudo — e tinha opinião sobre tudo.

O futebol, aliás, era onde Lacerda e Juscelino tinham seu ponto de atrito. Apesar das circunstâncias hostis em que se encontravam, com o nível de tensão sempre alto, acabavam conseguindo se entender. Menos quando se tratava de Flamengo e Vasco — respectivamente os times do político e do motorista. Quando Zico e Roberto Dinamite entravam em campo, a atmosfera no esconderijo virava chumbo. Sem anistia.

E foi num dia de clássico no Maracanã que Juscelino decidiu abandonar Lacerda de vez.



A final do campeonato carioca de 1977 entre Vasco e Flamengo terminou empatada e foi para a decisão por pênaltis. O taxista e o ex-governador ouviam o jogo praticamente de rosto colado, porque o radinho de pilha tinha que ficar no volume mínimo para não chamar a atenção de algum eventual passante da área. O alojamento clandestino ficava nos fundos do terreno, numa pequena casa de caseiros.

O Flamengo já tinha perdido um pênalti e a última cobrança do Vasco ficou para Roberto Dinamite. Se marcasse, fim de papo. Quando o locutor anunciou que o astro da Cruz de Malta partira para a cobrança, Lacerda desligou o rádio.

Pela primeira vez, Juscelino gritou com ele, furioso, já tentando religar o aparelho. Mas o ex-governador deu um pinote e se trancou no banheiro com o rádio desligado. No meio do mato, Juscelino não tinha como saber se Roberto tinha feito o gol que daria o título ao Vasco.

— Tudo bem, doutor. Eu vou pegar o carro pra saber o resultado — anunciou o taxista, com o ex-governador ainda trancado no banheiro. — Mas dessa vez não vou voltar.

Saiu ventando sem olhar para trás e ainda ouviu ao longe, meio abafado, um “deixa de ser criança, Juscelino!”.

O táxi ficava estacionado a cerca de 500 metros da chácara, como despiste. Lacerda tinha certeza de que o seu fiel ajudante iria até lá, ouviria o resultado no rádio do carro e voltaria. Mas isso não aconteceu. Resolveu ligar de novo o rádio e confirmou que o arquirrival tinha sido campeão. Pelo menos o humor de Juscelino ficaria bom, ele esqueceria sua malcriação e voltaria atrás.

Mas enquanto acelerava para o Centro de Petrópolis, o taxista firmava sua decisão de abandonar de vez aquela roda-viva insana com o político clandestino. Não ouvir ao vivo o gol histórico de Roberto Dinamite tinha sido revoltante, mas agora lhe parecia libertador. Era o lance que faltava para colocar Lacerda na marca do pênalti e chutá-lo do seu caminho.

Chegando à área urbana da cidade serrana, ele viu uma aglomeração bastante animada em torno de um bar. Deviam estar comemorando a conquista vascaína — e ele já decidiu que tomaria todas as cervejas que o seu bolso

permitisse, celebrando também a libertação do trem-fantasma dos últimos quatro meses.

Estacionou e notou algo estranho: não estava vendo ninguém de camisa do Vasco. Para aumentar o estranhamento, cruzou com uma figura exótica — um sujeito topetudo, meio desengonçado, vestido com um macacão prateado e falando uma língua esquisita parecida com inglês. Mal passou por ele, uma morena bonita, com colar de havaiana e pouca roupa para uma noite de início de primavera na serra o abordou sorridente:

— Oi! Você é candidato?

Confuso, Juscelino disse prontamente que não, que não tinha nada a ver com política. Mas o sorriso da morena permaneceu:

— Boa piada. Olha, a apresentação começa em meia hora. Quer maquiagem? Eu acho que não precisa.

Com mais dois minutos de diálogo surrealista, ele entendeu onde tinha ido parar: a morte de Elvis Presley pouco mais de um mês antes deflagrara uma onda de concursos de imitadores do lendário cantor, inclusive com cobertura televisiva mundo afora — e aquela birosca petropolitana tinha entrado na dança. Com seu 1,90m de altura, rosto largo, lábios grossos e cabelos pretos penteados para trás, Juscelino Kubitschek era candidato natural a Elvis Presley.

O taxista desfez o mal-entendido, mas não se desfez da morena “havaiana”. Antes de botar a mão no bolso, seu copo já estava cheio. Espirituosa, ela disse que se ele não aceitava de jeito nenhum concorrer, estava convidado para participar como jurado.

No embalo da cerveja, já achando graça em tudo, ele explicou que conhecia pouco de rock’n’roll para ser juiz do concurso. Mas a anfitriã terminou de fisgá-lo:

— Você é o melhor Elvis. Então ninguém vai julgar melhor que você.

A havaiana de Petrópolis era mineira de Juiz de Fora. Carolina. Juscelino comentou que sua mãe também era mineira, de Diamantina. Carolina respondeu que, perto de Diamantina, Juiz de Fora era Nova York. Ele não gostou do desprezo dela. Ela beijou-o na boca.

Vendo a surpresa dele, completou: em Nova York é assim. Rápido.

O choque fez Juscelino esquecer Roberto Dinamite, Elvis Presley & Cia e pensar na sua mulher e em seus filhos pequenos. Estava ali extravasando a tensão da “Operação Lacerda”, curtindo sua decisão de abandonar aquela loucura e se permitindo um raro momento sem pensar no dia de amanhã. No caso dele, o dia de amanhã — e todos os outros, nos últimos meses — significava um equilibrismo entre Duque de Caxias e Petrópolis, entre a sua vida familiar e a missão de assessorar um foragido.

Levava e trazia a esposa de Lacerda do esconderijo, ajudava na comunicação dele com os filhos recebendo e entregando bilhetes e cartas, mantinha a “toca” abastecida de comida, jornais e revistas. A versão oficial para sua família era de que tinha passado a atender com exclusividade um cliente rico em Petrópolis, o que não deixava de ser verdade. E como a sua renda tinha triplicado, sua mulher e seu pai não questionavam o novo trabalho. Só sua mãe, dona Diamantina, não achava que estava tudo bem.

— Juscelino, gente boa que anda com gente ruim é pior que gente ruim — dizia ela, do nada.

Nessas horas, o taxista chegava a achar que sua mãe tinha descoberto a “missão”, mas logo concluía que isso era impossível. Se dona Diamantina soubesse que o filho andava se encontrando com Carlos Lacerda, haveria um terremoto em Caxias. Mas não havia dúvidas de que o sexto sentido dela estava em modo cão farejador.

Na terceira vez que ouviu o alerta enigmático, num almoço dominical com toda a família à mesa, ele tentou descontrair:

— Espero que esse “gente boa” aí que a senhora fala seja eu...

Dona Diamantina não deixou a gracinha um segundo no ar:

— Te criei pra ser gente boa. O que você vai fazer com isso eu não sei.

O alerta materno estalou na cabeça de Juscelino logo após o estalo do beijo de Carolina — com uma injeção instantânea de consciência e culpa: é claro que ele estava perdido, boiando ali entre uma maloca e uma maluca; é claro que estava no caminho “certo” para ficar pior que gente ruim; é claro que a única coisa a fazer era se mandar daquela cilada e ir comemorar o campeonato do Vasco com a família em Caxias, onde certamente não esbarraria com nenhum Elvis de várzea.

Foi nessa hora que Carolina contou, sem ser perguntada, estar de passagem em Petrópolis. Tinha deixado Juiz de Fora e se fixado no Rio porque sempre quis morar perto do mar:

— Não tanto pra mergulhar. Gosto de olhar o mar. Quando cheguei de ônibus pelo Aterro do Flamengo fiquei maravilhada. Aquele maluco do Lacerda sabia o que fazia.

A súbita referência ao ex-governador abalrou Juscelino, arrancando-o das suas reflexões. Jamais esperava ouvir algo assim naquela birosca circense. Carolina ia passando a outro assunto, já que estava falando sozinha mesmo, mas o taxista ressuscitou:

— Maluco? Por que maluco?

— Ué, não era maluco, o Lacerda? Bom, sei lá. Mas pra fazer uma obra-prima como o Aterro do Flamengo tem que ser pelo menos meio maluco, não acha? Morreu censurado, coitado.

Era só o que faltava. A havaiana de Juiz de Fora curtia Carlos Lacerda — aquele que dona Diamantina deplorava e a quem ele, Juscelino, tinha acabado de tomar coragem de abandonar, para se livrar do mau caminho.

Carolina já ia mudando de assunto de novo, mas agora era o “melhor Elvis” quem puxava a conversa de volta para o ex-governador da Guanabara, movido por uma curiosidade incontrolável sobre o que mais ela achava dele.

— Achei que você tinha dito que não gostava de política — carimbou a interlocutora atenta, deixando-o sem graça.

Mas ela própria nunca ficava sem graça, nem sem fala, e foi em frente:

— Também não sou ligada em política. Minha avó ouvia o Lacerda no rádio e às vezes eu ficava com ela escutando. Meio dramático, ele, né? Mas gosto de homem com voz de homem. Por isso sou fã do Elvis.

Pelo rumo da prosa, Juscelino entendeu que não chegaria a ouvir nada muito relevante sobre o seu cliente clandestino. Talvez pela quantidade de cervejas ingerida, porém, sentira as menções de Carolina a Lacerda como se ela estivesse falando de um amigo seu. E surgiu uma vontade irracional de contar a ela que ele estava vivo, e muito perto dali.

Na salada de sentimentos, o ímpeto de ir embora se dissipou. Fez seu papel de jurado copiando os votos de Carolina — olhando mais para ela

que para os candidatos a Elvis. Terminado o concurso, Carolina colocou nele seu colar de havaiana, ergueu mais um brinde de cachaça e puxou-o para dançar ao som de “Love me tender”. Seus rostos se aproximaram e ele não conteve o impulso:

— Quer conhecer o Lacerda?